



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS (LICENCIATURA)

WELLEN VIEIRA

**CONTOS POPULARES NA SALA DE AULA: EXPLORANDO O IMAGINÁRIO
DA TRADIÇÃO ORAL PERNAMBUCANA**

Recife
2023

WELLEN VIEIRA

**CONTOS POPULARES NA SALA DE AULA: EXPLORANDO O IMAGINÁRIO
DA TRADIÇÃO ORAL PERNAMBUCANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Português (Licenciatura) da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras - Português.

Orientador (a): Prof. Dr. Flaviano Maciel Vieira

Recife

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Vieira, Wellen.

Contos populares na sala de aula: explorando o imaginário da tradição oral pernambucana / Wellen Vieira. - Recife, 2023.

36 : il.

Orientador(a): Flaviano Maciel Vieira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura, 2023.

1. Contos populares. 2. Ensino de literatura. 3. Tradição oral. 4. Sequência didática básica. 5. Literatura e etnografia. I. Maciel Vieira, Flaviano. (Orientação). II. Título.

890 CDD (22.ed.)

WELLEN VIEIRA

**CONTOS POPULARES NA SALA DE AULA: EXPLORANDO O IMAGINÁRIO
DA TRADIÇÃO ORAL PERNAMBUCANA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras –
Português (Licenciatura) da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras - Português.

Aprovado em: 15/05/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Flaviano Maciel Vieira (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Natasha Centenaro (Examinadora)
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma proposta didática sobre contos populares pernambucanos, a fim de contribuir para o desenvolvimento de habilidades ligadas à educação literária no ensino fundamental. Tal pesquisa é de natureza qualitativa e trata-se de uma sugestão de aplicabilidade a partir da releitura da sequência básica de Cosson (2009). Seu estudo aponta para a importância dos contos populares para o resgate da literatura de tradição oral e para o avanço da tecnologia como razão para a desvalorização do gênero. Ademais, também foi apresentada sua significativa contribuição para a formação do sujeito na sala de aula, dando destaque para o seu caráter educativo e para a educação enquanto ato político. Apresenta-se como arcabouço teórico Cascudo (2012), Cosson (2009), Candido (2006), além de outros autores que possuem considerações relevantes para pesquisa. Finalmente, também foram consultados três importantes documentos parametrizadores: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), Currículo de Pernambuco (PERNAMBUCO, 2019) e Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006).

Palavras-chave: Contos populares; Ensino de literatura; Tradição oral; Sequência didática básica.

ABSTRACT

This article aims to present a didactic proposal on folk tales from Pernambuco, in order to contribute to the development of literary education skills in elementary school. Such research is of a qualitative nature and it is a suggestion of applicability from the rereading of the basic sequence of Cosson (2009). His study points to the importance of popular tales for the rescue of oral tradition literature and for the advancement of technology as a reason for the devaluation of the genre. In addition, its significant contribution to the formation of subjects in the classroom was also presented, highlighting its educational character and education as a political act. Cascudo (2012), Cosson (2009), Candido (2006) is presented as a theoretical framework, in addition to other authors who have relevant considerations for research. Finally, three important parameterizing documents were also consulted: National Common Curricular Base (BRASIL, 2018), Curriculum of Pernambuco (PERNAMBUCO, 2019) and Curriculum Guidelines for Secondary Education (2006).

Keywords: Folk tales; Literature teaching; Oral tradition; Basic didactic sequence.

SUMÁRIO

1. Introdução	6
2. Procedimentos metodológicos	9
3. A importância dos contos populares para o resgate das tradições culturais na sociedade 10	
3.1. O desgaste da palavra falada	11
3.2. O resgate da tradição oral	13
4. Uso dos contos populares em sala de aula	14
4.1. Contribuições significativas para a formação do sujeito	14
4.2. Releitura da sequência básica: sugestão de aplicabilidade dos contos populares no ensino de literatura	17
4.3. Motivação	20
4.4. Oralidade	23
4.5. Introdução	25
4.6. Leitura	27
4.7. Interpretação	28
5. Conclusão	30
Referências	31

1. INTRODUÇÃO

Antes da existência da escrita, as comunidades tradicionais transmitiam seus conhecimentos e memórias por meio da oralidade (SANTOS, 2022). Isto é, faziam uso da literatura oral, a qual refere-se a provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, orações, lendas, cantos, entre outros. Com o passar do tempo, as expressões inseridas na égide da referida literatura aumentaram significativamente. De acordo com Luis da Câmara Cascudo (2012), a literatura oral também está associada ao folclore, e se origina a partir da memória coletiva, indistinta e contínua. Portanto, desde o período dos tempos remotos já existia um certo tipo de literatura, com diversas ramificações, qualificações e gêneros, ainda que não exatamente da forma como conhecemos nos dias atuais. Embora não se possa afirmar que as expressões literárias mais antigas sejam avidamente conhecidas pela sociedade contemporânea, podemos afirmar que a literatura de tradição oral representava algo de grande valia e utilidade para as sociedades que a cultivavam.

Conforme defende Helena Santos (2022), nos momentos históricos mais próximos ao advento da escrita, as crianças, diferentemente dos adultos, não eram encorajadas ou ensinadas a ler, o que dificultava o acesso aos livros e à autonomia em relação à literatura. Com efeito, como aponta Luiz Carlos Cagliari (2009), o primeiro contato das crianças com a leitura ocorre mediante a leitura auditiva, introduzida através de expressões como contos populares, narrativas folclóricas, entre outras, que nos são geralmente transmitidas por figuras parentais. Ademais, o contato com a leitura auditiva pode nos ajudar a compreender nossa própria história e a construir a nossa identidade. Afinal, essas histórias têm forte tendência a serem lembradas e, posteriormente, passadas de geração em geração.

Em contrapartida, com o advento da historiografia e a introdução do grafocentrismo na cultura, a alfabetização e a prática da escrita são estabelecidas como as formas principais, às vezes únicas, de registrar fatos históricos. As populações analfabetas ou semianalfabetas, vale ressaltar, não deixam de transmitir suas ideias pela ausência da escrita, pois cultivam a memória histórica de suas experiências, de sua cultura e de seu povo através de suas próprias manifestações, ainda que possam ser qualificadas de marginalizadas e diminuídas. Disso pode-se depreender a importância da literatura oral para inúmeros povos cuja forma de preservação da memória histórica, da cultura, das experiências e de práticas tradicionais associadas à cultura, à religião e demais formas de relação com o mundo é a oralidade (FINNEGAN, 2006).

Em razão de ser indispensável para oferecer aos educandos a oportunidade de expandir a linguagem, além de compreender a sua própria história e a de seu povo, sua identidade e suas relações socioculturais, o ensino de literatura, atualmente, está presente em todas as fases da educação básica. Por se tratar de uma disciplina que aborda inúmeras temáticas, além de poder contar com abordagens interdisciplinares diversas, as metodologias e abordagens no ensino de literatura são variadas e possuem diferenças entre si. Embora a reflexão sobre gêneros textuais seja parte constituinte de todas as referidas metodologias. A esse respeito, conforme defende Luiz Antônio Marcuschi (2005), os gêneros textuais atuam como ações sociodiscursivas que (re)agem sobre o mundo ao representá-lo a partir da linguagem, constituindo-o a seu modo.

À vista disso, gêneros textuais como o romance, a poesia, a crônica e o conto estão presentes na literatura como disciplina da educação básica, de modo a auxiliarem o desenvolvimento das habilidades de leitura, apreciação, escrita criativa, pensamento crítico, expressão cultural e artística, entre outros. No que concerne ao gênero conto, definido como narrativa curta que apresenta uma história completa em poucas páginas, e que se caracteriza pela intensidade de suas ações e pela concisão de seus diálogos, pode-se constatar sua constante atuação na sala de aula. Ao propor uma teoria do conto, Nádya Batella Gotlib (1990) enfatiza a importância do estilo para o gênero, que, ao seu ver, exige um alto grau de habilidade do escritor. De acordo com a autora, o escritor do conto deve ser capaz de condensar uma história em poucas páginas sem perder de vista a construção da profundidade de seus personagens ou o impacto emocional da narrativa. Ainda para Gotlib (1990), ao passo que os contos canônicos são aqueles reconhecidos pela crítica literária, que defere reconhecimento também à autoria de tais contos, os contos populares são os que foram transmitidos de forma oral de geração em geração, sem autoria conhecida. Apesar das diferenças, ambos os tipos de contos são importantes para a literatura e para a cultura em geral, pois cada um deles tem sua própria contribuição e valor histórico, social, artístico e cultural. Todavia, devido ao prestígio social que a escrita ocupa em nossa sociedade, os contos populares de tradição oral acabaram perdendo espaço e reconhecimento.

De acordo com Antonio Candido (2011), a produção literária é humanizadora. Isso quer dizer que a literatura tem a capacidade de se comunicar com nosso espírito, sendo uma forma de expressão ou manifestação de emoções e da visão do mundo de indivíduos e grupos. Assim, a literatura é uma forma de expressão do indivíduo, envolvendo sua socialização, isto é, o processo de aprendizagem da leitura e da

compreensão do mundo a partir do contato com seus iguais e das relações sociais de diversas naturezas (amizade, fraternidade etc.). Neste contexto, cabe ao processo de ensino e aprendizagem incluir a formação e humanização do indivíduo por intermédio da literatura, a fim de oferecer ao aluno meios de compreender a si mesmo e o que o cerca.

As histórias transmitidas através dos contos populares instigam a imaginação, além de serem familiares aos educandos e possibilitarem a inserção da bagagem sociocultural que ele carrega consigo. Desse modo, os contos populares, quando trabalhados em sala de aula, podem ser uma forma de humanizar os leitores, torná-los atentos às pistas que são apresentadas no texto, como também contribuir para a formação da sua identidade. Para que tal conteúdo tenha significado e que apresente aos estudantes possibilidades de alcançar os conhecimentos que precisam dominar, adotaremos, nesta pesquisa, a sequência didática básica proposta por Rildo Cosson (2009). De maneira análoga à proposta do autor, será apresentada, neste artigo, uma sugestão de aplicabilidade do conteúdo discutido anteriormente, no intuito de realizar a transposição do objeto desta pesquisa para a sala de aula. O gênero sequência didática, vale lembrar, refere-se a um conjunto de atividades pedagógicas com a finalidade de ajudar o aluno a compreender melhor um gênero de texto (QUEIROZ; STUTZ, 2016).

Para atingir este propósito, é fundamental compreender que os contos populares devem estar inseridos no currículo escolar com a mesma importância que os textos literários canônicos, tendo em vista que esses contos operam como agentes sociais na construção da identidade do aluno através do resgate cultural. Frente a esse cenário, apresenta-se a seguinte pergunta norteadora desta pesquisa: como os contos populares contribuem com a valorização do conhecimento sociocultural do educando? Buscando respondê-la, o objetivo geral deste estudo é analisar como o trabalho com os contos populares favorecem o processo de formação dos estudantes. Mais detalhadamente, para a execução desta pesquisa, os objetivos específicos foram os de discutir a relevância de utilizar contos populares como ferramenta que possibilite colocar a memória e o conhecimento sociocultural dos estudantes em destaque na aula de literatura, como ainda elaborar atividades pedagógicas em conformidade com o que postula Rildo Cosson no livro *Letramento literário: teoria e prática* (2015). Para tanto, demonstramos a aplicabilidade desta pesquisa com o exame de quatro contos populares pernambucanos que, ao nosso ver, permitem aos estudantes acessar aspectos culturais a fim de valorizar suas raízes e se engajar nas discussões e reflexões suscitadas nas aulas de literatura. Os

quatro contos populares em questão aludem às histórias associadas às personagens *pernacabeluda*, *cumadre fulozinha*, *papa-figos* e *o lobisomem*.

O interesse em realizar esse estudo se deu através da escuta e da leitura de contos populares pernambucanos que despertaram a vontade introduzi-los na elaboração de uma proposta de aplicabilidade, dentro do eixo da educação literária da disciplina de Língua Portuguesa. Esses contos contêm diferentes histórias que são contadas de geração para geração, muitas vezes por pessoas que tiveram pouco acesso aos estudos, sendo um importante recurso de transmissão de conhecimento, memórias, tradições e cultura popular que deve ser preservado não só na educação informal, mas também no meio acadêmico. Finalmente, depreendemos a importância de que sejam realizados estudos e propostas de trabalho com e sobre os contos populares na sala de aula, pois esse gênero literário é dotado de grande riqueza cultural, e, por esse e outros motivos, precisa ser valorizado.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, pois foi realizada uma revisão bibliográfica narrativa. Segundo Carmen Lúcia Mattos (2015), a revisão narrativa não utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. Assim, a busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações, além de não aplicar estratégias de busca sofisticadas e exaustivas. A seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores, e é adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de cursos (MATTOS, 2015). Nesse sentido, o corpus deste trabalho aborda obras sobre a importância de se trabalhar os contos populares na sala de aula.

Para alcançar os objetivos, foram incluídos artigos publicados em português, no período entre janeiro de 2012 a março de 2022, que abordam a temática da pesquisa. Os critérios de exclusão foram artigos cujas pesquisas foram publicadas em língua diferente da do português brasileiro, fora do período selecionado e/ou que não abordam na íntegra a temática retratada neste estudo.

A seleção dos artigos foi feita através dos cruzamentos dos descritores citados, procedendo, então, com a leitura do título, resumo dos artigos e, por fim, com a leitura integral do texto das publicações. Aquelas que respondem aos objetivos da pesquisa e aos critérios de seleção foram incluídas para comporem este trabalho (MARCONI;

LAKATOS, 2010). A partir disto, foram realizadas reflexões e análises sobre a importância dos contos populares, seu espaço na sociedade e sua utilidade para a educação escolar.

Por fim, com base nas discussões sobre o ensino de literatura realizada por Cosson (2009) – mais especificamente, a sequência básica –, foi elaborada uma sugestão de aplicabilidade ao ensino de literatura através dos contos populares. Tal proposta conclui que o professor leve as versões pertencentes ao livro *Malassombramentos: os arquivos secretos d'o Recife assombrado* (2009), organizado pelo escritor e jornalista Roberto Beltrão. O texto foi escolhido ao levar-se em consideração o fato de que quando um estudante lê um livro que retrata tema ou situação com a qual ele pode se identificar, de forma a facilitar sua conexão com a história e o envolvimento emocional com os personagens e suas jornadas, o que pode tornar a experiência de leitura mais agradável e satisfatória. Embora Jean Piaget não tenha escrito especificamente sobre a seleção de livros, suas teorias sobre a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo fornecem uma base teórica para entender o porquê da importância de selecionar materiais que estejam alinhados com os interesses e habilidades dos estudantes. A esse respeito, Piaget (1971, p. 141) enfatiza a importância de um ambiente educacional que estimule a curiosidade e o interesse dos estudantes:

O objeto da educação não é o de proporcionar aos alunos aquisições acabadas e imutáveis, mas o de torná-los capazes de encontrar e descobrir, de questionar e verificar. E isso só pode ser feito através da criação de um ambiente educacional no qual o estudante possa ser incentivado a ser ativo e a construir suas próprias descobertas.

Com a leitura do excerto, podemos inferir que a seleção de um livro que se aproxime da realidade social e da cultura do estudante pode ajudar a criar um ambiente educacional propício para incentivar o estudante a assumir um papel ativo e a construir suas próprias descobertas a partir da leitura. Ademais, a inclusão de um material relevante e significativo para o estudante pode incentivá-lo a se envolver com o conteúdo. Além disso, também foi realizada a consulta dos documentos parametrizadores, quais sejam, BNCC, Currículo de Pernambuco e OCEM, com o objetivo de identificar se a proposta está alinhada aos padrões nacionais de orientação para o ensino.

3. A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS POPULARES PARA O RESGATE DAS TRADIÇÕES CULTURAIS NA SOCIEDADE

3.1. O desgaste da palavra falada

Com os avanços da tecnologia, cada vez mais os indivíduos têm um maior interesse apenas em aparelhos eletrônicos como *tablets*, computadores e celulares. A teoria da distração digital sugere que a constante exposição a dispositivos eletrônicos pode afetar negativamente a capacidade dos alunos de se concentrarem em tarefas que requerem atenção e concentração, como a escuta e leitura de histórias. No livro *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros* (2010), Nicholas Carr, a partir de diversos estudos neurológicos, destaca:

Não estou dizendo que a internet é uma coisa ruim em si mesma. O que estou dizendo é que a internet está nos levando a uma cultura de distração. É uma cultura em que somos constantemente interrompidos e distraídos por pequenos pedaços de informações e estímulos, o que afeta nossa capacidade de nos concentrarmos em tarefas que requerem atenção e reflexão profunda.

Atualmente, as transformações econômicas, sociais e políticas são as principais responsáveis pela difusão das obras culturais, principalmente através da mídia. Podemos apontar a TV e a *internet* como principais meios de transmissão de histórias para as crianças e, com isso, a tradição de contar histórias para as crianças tem se perdido. Segundo Peter L. Berger e Thomas Luckmann (2007), o homem moderno vive numa crise de sentidos associada à modernização, à pluralização e à secularização das sociedades com consequentes perdas de referências estáveis e seguras. Com isso, o interesse pela literatura vem se perdendo e há um empobrecimento da memória criativa das crianças, reduzindo a motivação para a escuta de uma boa história.

A respeito do mesmo assunto, Monica Fantin (2009) afirma que a velocidade nas mudanças, nos processos e nas tecnologias de comunicação, consequências da cultura contemporânea, gera desafios cada vez maiores, principalmente para aqueles que atuam com crianças e adolescentes. Dessa maneira, é importante a adoção de estratégias que possam promover tradições e o resgate da diversidade cultural, sendo uma delas os contos populares pertencentes à tradição oral.

Segundo Alessandra Giordano (2007), os contos populares são a forma “primitiva” da arte de dizer, ou seja, trata-se de uma forma de cultura de transmissão de ensinamentos através da palavra falada. Esses contos populares são uma forma de

reavivar e atualizar a memória social de um povo, e podem auxiliar o desenvolvimento da racionalidade, das inteligências emocional e espiritual para além da aproximação das gerações de crianças e idosos, sendo desse modo um facilitador de encontros e de relações interpessoais (ZOHAR, 2002).

A tradição dos contos populares surgiu na Índia, onde acredita-se que essa prática é capaz de promover as percepções dos ouvintes para os aspectos mais subjetivos e sutis da mente, levando à distinção das formas objetivas e subjetivas. Os indianos acreditam que a partir do prazer compartilhado e da assimilação do esquema narrativo pode-se adquirir novas competências no domínio da palavra, e consideram que o encontro das pessoas mais velhas com as crianças e com os jovens é muito importante para manter a saúde da comunidade (GIORDANO, 2007)

Como aponta Luís Cascudo (2012), poetas e cantores profissionais eram acompanhados por uma grande admiração da sociedade (CASCUDO, 2012). No que concerne à relação entre voz e texto, existe uma tradição que remonta à Grécia Antiga e que exerceu forte influência nas sociedades ocidentais ao longo dos séculos. Esta influência seria a Retórica, compreendida a partir das teorias de Platão e Aristóteles como a ciência do bem dizer. Já a Oratória seria sua contraparte prática que necessitaria de intérpretes para textos com o intuito de realizar levantamento de questões de ordem social, política, religiosa e filosófica. A princípio, como explica Flávio Stein (2012), a Retórica se preocupava apenas com uma educação sobre a maneira de falar em público, articulando um raciocínio lógico destinado a convencer. Com o tempo, ela começaria a incorporar um cuidado estético, atentando para o modo como se vocalizava o texto e para a combinação entre som e sentido. No entanto, o equilíbrio entre esses aspectos vai se perdendo ao longo do tempo, provocando um desgaste na arte do bem dizer, isto é, um desgaste da palavra falada.

A oralidade é compreendida como uma das modalidades da língua. Por ser, como define Fernandes (2015), mais frequente em grupos sociais não adeptos a práticas de escrita, com frequência ela é tomada em oposição ao registro escrito. Nessa modalidade da língua, a pessoa oradora necessita de elementos performáticos como o gestual, as modulações na voz e o uso de objetos. Ao longo dos séculos, as narrativas de tradição oral das comunidades foram perdendo seu valor. Os relatos compartilhados através dessas narrativas foram associados a um teor extraordinário, com elementos lúdicos e fantásticos. Em contrapartida, as informações divulgadas pela imprensa necessitam da

plausibilidade e, nesse sentido, devem vir acompanhadas de explicações, sem que seja necessário um exercício de imaginação por parte do ouvinte.

A imprensa e a informação, como aponta Nayara Brito (2021), surgiram como fatores da derrocada das narrativas de tradição oral. Outros fatores que, de acordo com o autor, contribuíram para a perda de valor dessas narrativas são a expansão do capitalismo e a migração urbana, pois as memórias familiares e os valores nutridos na comunidade não encontraram espaço na complexidade caótica do mundo urbano regido pelo individualismo. Complementarmente, Edil Silva Costa (2015) afirma que essas narrativas resistem pela necessidade humana de narrar e, através da narrativa, estabelecer laços com outras pessoas e de construir as memórias individuais e coletivas, além de reafirmar identidades.

Na literatura popular brasileira reúnem-se todas as manifestações da recreação popular mantidas pela tradição. Além disso, ela toma forma através de elementos trazidos por indígenas, portugueses e africanos, quais sejam, cantos, danças, estórias, contos, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas etc. Por esse motivo, nas escolas, a oralidade pode ser abordada em favor do desenvolvimento dos alunos, com o apoio de gêneros orais que circulam em determinados contextos, principalmente no contexto doméstico e familiar. Um exemplo de gênero da oralidade a ser estudado no período da alfabetização e dos anos iniciais da escolarização que Marcuschi (apud BRITO, 2016) destaca é, precisamente, a contação de histórias

3.2. O resgate da tradição oral

A partir da década de 1970, houve um movimento de revalorização da contação tradicional e o surgimento de formas urbanas de tradição oral. Celso Sisto (2005) atribui essa retomada a uma maior difusão das bibliotecas no Brasil. Observa-se também a apropriação, por parte das pessoas contadoras, de recursos tecnológicos próprios ao seu tempo e a incorporação desses recursos às performances, como os *CDs*, *DVDs* e, mais recentemente, canais audiovisuais e *podcasts*.

Desse modo, as transformações sociais demandam a “relativização dos valores morais”, favorecendo “o surgimento de novas versões das narrativas” (COSTA, 2015, p. 35); assim, os contos de tradição oral são atualizados e passam a abordar o discurso de aceitação e convivência com as diferenças. Costa (2016) considera que, atualmente, as mídias como a *internet*, o cinema e a TV se apropriaram das antigas narrativas e o ofício

de contar histórias foi se profissionalizando. Bibliotecas, escolas, feiras de livros e oficinas também têm funcionado como espaços para a realização de “experiências de ouvir/narrar” (COSTA, 2015, p. 36).

Segundo Nayara Brito (2021), a função social primordial de contadores de histórias é de preservar a memória e difundir as narrativas formadoras de uma comunidade, bem como os saberes nelas cultivados, desde os mais informais até os mais especializados. No âmbito da nossa reflexão sobre a prática da contação de histórias, os contos populares próprios da cultura oral também se tratam de narrativas tradicionais, pois são distintos, à sua maneira, dos contos literários canônicos, próprios da cultura escrita. Segundo Paul Zumthor (2014), por se encontrar enraizado na oralidade, “o conto popular tem na sua base de comunicação a percepção auditiva da mensagem”. Assim,

A palavra contada não é simplesmente fala. Ela é carregada dos significados que lhe atribuem o gestual, o ritmo, a entonação, a expressão facial e até o silêncio [...]. Seu valor estético está, portanto, na conjugação harmoniosa de todos esses elementos (MATOS; SORSY, 2009, p. 4).

Desse modo, com a utilização dos contos populares, na sala de aula, é possível estimular a postura e a análise críticas nos alunos, estimulando-os a se tornarem capazes de perceber ideologias, sentidos e demais aspectos presentes no seu discurso e no do outro.

4. USO DOS CONTOS POPULARES EM SALA DE AULA

4.1. Contribuições significativas para a formação do sujeito

O espaço escolar vem se tornando cada vez mais responsável por promover a mudança social. Segundo Helena Santos (2022), o existir do educar vai além de formar trabalhadores para o capital, pois é mais ainda uma questão de cidadania, de formar pessoas instruídas a exercer seus direitos e deveres enquanto cidadãos. Com efeito, a formação de cidadãos na escola é um ato político, uma vez que se trata de um processo de educação que visa à formação de indivíduos críticos e conscientes de seus direitos e deveres perante a sociedade, capazes de participar ativamente de decisões coletivas que incidem em suas vidas e na dos concidadãos. Acerca da educação como ato político, Michel Foucault (2013, p. 41) afirma que:

A educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, é bem sabido que segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo (FOUCAULT, 2013, p. 41).

Ao fornecer aos alunos ferramentas e conhecimentos para que possam compreender e intervir na realidade em que vivem, a escola contribui para a formação de cidadãos ativos e conscientes de seu papel na sociedade. Nesse sentido, a formação cidadã não pode ser vista como algo neutro ou despolitizado, mas como ato político, pois envolve a transmissão de valores, princípios e ideais que podem influenciar a forma como os alunos veem a si mesmos e ao mundo ao seu redor (FREIRE, 2011). A educação interliga os saberes, os sujeitos e as suas singularidades, promovendo uma reformulação de pensamento através de ofertas de ensino, fundamentadas na viabilidade de integração das pessoas entre si e com os conhecimentos. Isso traz ao espaço de aprendizagem uma abertura ao pensamento, bem como a formulação e a reformulação, a criação, em significativos e complexos contextos, compostos por diversas identidades (MORIN, 2011).

Neste contexto, Moacir Gadotti (2012, p. 85) afirma que a educação não-formal se constitui num “conjunto de processos, meios, instituições, específica e diferencialmente desenhados em função de explícitos objetivos de formação e instrução que não estão diretamente dirigidos à concessão de grau, próprio do sistema educativo formal”. Desse modo, fundamentada num arcabouço legal que legitima a sua sistematização, também considerando válidas outras práticas educativas, a prática educativa formal propõe conhecimentos organizados, de forma que o conteúdo mais fácil preceda o mais complexo. Nesse sentido, a escola deve valorizar os saberes populares, tendo em vista que esses saberes são fruto de experiências e vivências de comunidades inteiras passadas de geração em geração, e, portanto, representam uma riqueza cultural que merece ser preservada e valorizada. Ao reconhecer e valorizar as diversas formas de conhecimentos presentes na sociedade, a escola pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Muitos contos populares falam de pais que não conseguem alimentar a família; da luta do forte contra o fraco; da existência do mal e do bem; da luta pela sobrevivência; das origens das coisas, entre outros assuntos. Nesse sentido, os contos populares são uma

ferramenta valiosa na promoção do conhecimento sociocultural, uma vez que eles transmitem valores, crenças e tradições de geração em geração. Eles são uma forma de compartilhar experiências, conhecimentos e sabedoria, e são fundamentais para entender a cultura de um povo. Freire (2011, p. 37) afirma que “ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural”, de modo que evidencia o valor do ensino e a troca de saberes para elevação da identidade cultural numa prática que possibilita situações nas quais os educandos entendam na relação uns com os outros e com o educador a formação como sujeitos políticos e culturais.

Essa é uma ferramenta capaz de desenvolver as capacidades intelectuais e culturais, de ampliar as práticas de leitura para que seja capaz de elaborar seu próprio discurso e agir de forma produtiva na sociedade em que está inserido. Portanto, cabe ao professor incentivar a leitura desses textos, pois são histórias contadas há séculos, e têm o poder de se transformar diante das diferenças regionais e históricas (ANTUNES, 2011). Em relação à utilização de gêneros escritos que surgiram a partir de gêneros atrelados às narrativas de tradição oral como ferramentas pedagógicas e pressupostos metodológicos, Mattoso (2002, p. 71) afirma que:

é da maior importância para que, desde a mais tenra idade, encarem o conhecimento do passado como intimamente ligado à realidade e à vida pessoal e não como um conhecimento livresco e puramente intelectual ou como qualquer coisa sem relação alguma com a vida de todos os dias.

Sendo assim, é através de lendas, mitos, contos e demais demonstrações de cultura local que a tradição oral se enraíza, estabelecendo uma ponte com o passado, construindo uma compreensão e fortalecendo a sensação de pertencimento e identificação. Logo, ao “visitar” o passado, o sujeito tem condições de percebê-lo e interpretá-lo tomando como ponto de partida a sua análise sobre a apresentação que lhe foi disponibilizada.

4.1 Letramento literário: a sequência básica

O livro *Letramento literário: teoria e prática* (2015), de Rildo Cosson, apresenta uma reflexão teórica e prática sobre o ensino de literatura nas escolas, abordando a importância do letramento literário como forma de desenvolver habilidades de leitura e interpretação crítica de textos literários. No livro, Cosson defende a ideia de que o letramento literário deve ir além da simples decodificação de palavras e compreensão

literal do texto, buscando desenvolver nos alunos uma relação mais complexa e significativa com a literatura. Ao longo da obra, o autor discute também temas como a formação do leitor crítico, a relação entre literatura e sociedade, o papel da escola na formação literária dos alunos e a importância da diversidade literária no processo de letramento.

Para isso, o autor propõe a utilização de diversas estratégias de ensino. Uma delas é a sequência básica de passos para que o professor consiga alcançar as potencialidades do texto. Os passos contidos na sequência são *motivação, introdução, leitura e interpretação*. De acordo com eles, o docente deve, primeiro, criar uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema. Tal metodologia tem como objetivo despertar a curiosidade dos educandos na aula de literatura. Em seguida, dá-se lugar ao momento de apresentação do autor e da obra, na apresentação dos quais deve-se levar em consideração os aspectos intra e extraliterários, imprescindíveis para justificar a importância da escolha da obra, ainda que sem revelar muito sobre o enredo da narrativa a fim preservar o elemento da curiosidade nos alunos. A partir de então, o professor deve se preocupar com o acompanhamento da leitura. Sobre isso, Cosson (2009) declara que a leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Finalmente, Cosson (2015) introduz a etapa em que os estudantes devem compartilhar suas interpretações a fim de que ganhem consciência ampliem seus horizontes de leitura. O autor acrescenta, ainda, que:

Mais importante que a simples oposição entre quantidade e qualidade é a competência de leitura que o aluno desenvolve dentro do campo literário, levando-o a aprimorar a capacidade de interpretar e a sensibilidade de ler em um texto a tecedura da cultura (COSSON, 2009, p.103-104).

Constata-se como Cosson visa à desenvoltura de habilidades de leitura e interpretação crítica de textos literários, buscando tornar o processo de letramento literário mais significativo e prazeroso para os alunos.

4.2. Releitura da sequência básica: sugestão de aplicabilidade dos contos populares no ensino de literatura

A cultura local é uma forma de expressão da identidade e da história de um determinado lugar e sua comunidade, permitindo que seus costumes, tradições, crenças e

valores sejam preservados e transmitidos para as gerações futuras. Ao incluir a cultura local no currículo escolar, os alunos podem ter uma compreensão mais ampla e profunda da história e dos valores da região onde vivem, o que pode contribuir para a construção de uma identidade positiva e fortalecida. A esse respeito, Darcy Ribeiro (1972, p. 14): afirma que a

[...] cultura é a herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo co-participado de modos padronizados de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das reações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e se motivam para ação.

Ao incluir a cultura local no currículo escolar, os alunos podem ter uma compreensão mais ampla e profunda da história e dos valores da região onde vivem, o que pode contribuir para a construção de uma identidade positiva e fortalecida, como também para a preservação e o fortalecimento de tradições, crenças e valores.

Nesse sentido, os contos populares são uma forma de preservar a memória e a história de um povo. Eles contêm informações sobre a vida cotidiana, como tradições, crenças e práticas culturais, o que os torna uma valiosa fonte de informação para antropólogos, historiadores e sociólogos que estudam a cultura de determinada comunidade.

Além disso, Boaventura (2012) afirma que os contos da tradição oral são uma forma de resistência cultural. Em muitas culturas, a transmissão oral de histórias é vista como um ato de resistência contra a dominação cultural de povos colonizadores. Esses contos ajudam a manter vivas as tradições e a cultura de um povo, mesmo diante da aculturação imposta pela colonialidade.

Como mencionado anteriormente, esta pesquisa tem o objetivo de abordar contos populares pertencentes à tradição oral na sala de aula. Tendo apresentado um panorama conciso sobre a metodologia de ensino de literatura e a importância dos contos populares, além de haver frisado a importância da valorização do imaginário popular, acreditamos que a escolha dos contos populares a serem trabalhados em sala de aula deve passar por critérios de garantia de relevância, interesse e adequação que considere o nível escolar e o contexto socioeconômico dos alunos. Dessa forma, os critérios de seleção considerados nesta proposta foram *a idade* e *o nível de desenvolvimento* dos alunos.

Com efeito, a compreensão de contos mais complexos pode ser mais dificultosa para alunos mais jovens, ao passo que contos menos complexos podem não desafiar os alunos em níveis escolares mais avançados. Também é importante considerar a cultura e as origens dos alunos para que haja maior possibilidade de se conectarem com a narrativa e se sentirem representados. Ademais, deve-se conferir a devida importância ao *valor educacional*: os contos selecionados devem ser capazes de ensinar lições importantes, de promover o pensamento crítico e a criatividade, além de melhorar a compreensão da língua e da literatura. Complementarmente, também foi realizada a consulta dos documentos parametrizadores tais como BNCC, Currículo de Pernambuco e OCEM, com o objetivo de identificar se a proposta está alinhada aos padrões de orientações nacionais e estaduais para o ensino.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece os direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para a Educação Básica no Brasil, desde Educação Infantil até o Ensino Médio, além de orientar os professores na elaboração de materiais didáticos e na seleção de conteúdos alinhados às habilidades estabelecidas pelo documento. Nela, encontramos a habilidade do campo artístico-literário, tratada pelo código EF67LP27, que direciona:

Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, **contos populares**, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores (BRASIL, 2018, p. 168, grifos nossos).

O Currículo de Pernambuco define diretrizes, objetivos e conteúdos a serem trabalhados nas escolas da rede pública estadual de ensino. O uso deste documento torna-se relevante neste estudo tendo em vista que ele contempla as especificidades da realidade local, como as questões culturais, socioeconômicas e históricas. Outro aspecto importante do Currículo de Pernambuco é a sua articulação com as políticas públicas do estado, como as políticas de inclusão, de formação de professores, de valorização da diversidade cultural e étnico-racial, entre outras. Neste documento, encontramos a mesma habilidade que a BNCC, através do código EF67LP28PE, a seguinte menção:

Selecionar procedimentos e estratégias adequados a diferentes objetivos de leitura, levando em consideração o suporte e as características dos gêneros (romances infanto-juvenis, **contos populares**, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa como sonetos e cordéis, vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros), posicionando-se sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores (PERNAMBUCO, 2019, p. 157, grifos nossos).

Durante a pesquisa, também foram consultadas as etapas do ensino médio do primeiro documento citado, assim como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM). Nada foi encontrado, nesta etapa da educação básica, que sugeria o trabalho com gênero contos populares. Portanto, levando em consideração os referidos documentos, a proposta apresentada neste estudo será indicada para o sexto ou sétimo ano da educação básica.

Levando em consideração todos esses critérios citados, nesta proposta didática é sugerido que o professor utilize as versões pertencentes ao livro *Malassombramentos: os arquivos secretos d'O Recife Assombrado* (2009). Esta obra é uma continuação de *O Recife Assombrado*, livro do mesmo autor.

Nessa obra, Beltrão mergulhou ainda mais fundo nas histórias misteriosas que cercam a cidade, trazendo relatos inéditos que coletou ao longo de anos de pesquisa. O livro apresenta dezoito contos nos quais Beltrão consegue capturar a essência do folclore e das crenças populares da cidade de Recife, tornando a leitura uma experiência emocionante e arrepiante. Dentre os dezoito contos foram selecionados quatro contos presentes no imaginário popular pernambucano, quais sejam: “Brasília 77”, “Segredo em família”, “Bola pro mato” e “Quando corre o bicho”.

4.3. Motivação

Como debatido anteriormente no tópico “O desgaste da palavra”, pode haver a possibilidade de que educandos não conheçam essas histórias. Portanto, é relevante que o professor promova uma sondagem inicial, isto é, que identifique a noção dos alunos sobre o assunto ou o conteúdo. Isso poderá ajudá-lo a adaptar sua abordagem pedagógica e direcionar o ensino de forma mais adequada às necessidades e interesses dos educandos. Sugere-se, então, como passo inicial, a apresentação prévia de imagens que ilustrem os

personagens principais dos contos a serem estudados através de ferramentas como *slides* ou demais recursos, como nos exemplos a seguir:

Figura 1 – O papa-figo



Fonte: Site Aventuras na História¹

Figura 2 – Perna-cabeluda



Fonte: Site Aventuras na História²

Figura 3 – Cumadre Fulozinha

¹ Acesso em: 15 abr. 2023. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/narrativa-ligada-a-uma-epidemia-saiba-como-surgiu-a-lenda-do-homem-do-saco.phtml>>

² Acesso em: 15 abr. 2023. Disponível em: <



Fonte: Site Aventuras na História³

Figura 4 – O lobisomen



Fonte: Site Aventuras na História⁴

Estimular os alunos através de textos não verbais auxilia no desenvolvimento da capacidade de observação, a julgar que os alunos são estimulados a realizar uma leitura atenciosa dos elementos visuais. Ademais, tal atividade também contribui com o estímulo a criatividade dos alunos, uma vez que os eles precisarão realizar inferências sobre o que está sendo apresentado e, com isso, buscar diferentes significados e interpretações para os elementos presentes na imagem. A leitura de imagens permite que os indivíduos desenvolvam uma visão mais crítica sobre a sociedade em que vivem, ao identificar e interpretar os significados e valores presentes nas imagens que circulam no mundo (MATTOS, 2002).

³ Acesso em: 15 abr. 2023. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/comadre-fulozinha-lenda-mais-famosa-do-nordeste.phtml#:~:text=Origem%20misteriosa%20e%20cren%C3%A7a%20popular,sua%20maior%20paix%C3%A3o%3A%20a%20natureza.>>

⁴ Acesso em: 15 abr. 2023. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/retratado-em-cidade-invisivel-como-surgiu-lenda-do-lobisomen.phtml>>

Portanto, após a exibição das imagens para os educandos, o professor deve fazer o seguinte questionamento: “se vocês pudessem contar uma história a partir dessas figuras, qual seria?” Feito isso, o professor deve deixar os alunos pensarem e formularem suas respostas. Com isso, espera-se que seja realizada a sondagem inicial pela utilização de textos não-verbais, que podem funcionar como motivação para os alunos participarem das atividades propostas pelo professor e para que se envolvam com o conteúdo trabalhado em sala de aula. Afinal, os contos populares podem contribuir para o engajamento dos alunos, uma vez que se tratam de uma forma diferente e atrativa de introduzir o gênero conto em sala de aula, estabelecendo novas conexões entre os conhecimentos prévios dos alunos e o novo conteúdo (AUSUBEL, 1982).

É importante que o professor tenha em mente que, quando alguns alunos são excluídos ou têm sua participação limitada, eles podem se sentir desmotivados e desvalorizados, o que pode afetar negativamente sua autoestima e seu desempenho escolar. Portanto, é importante que o professor crie estratégias para incentivar e promover a participação de todos os alunos nas atividades propostas, garantindo um ambiente de aprendizagem inclusivo, respeitoso e colaborativo. Finalmente, orienta-se ao professor que estimule os discentes a buscar pelos contos ilustrados nas imagens, seja através de parentes, amigos ou vizinhos. O ponto principal é que o aluno possa participar efetivamente desse momento.

4.4. Oralidade

Cosson (2009) ressalta que a sua proposta de sequência são apenas exemplares metodológicos, e não modelos a serem seguidos estritamente. À vista disso, por se tratar de uma sugestão de aplicabilidade de um gênero que se distancia do cânone literário e está ligado à tradição de narrativas orais, torna-se necessário dedicar um momento da sequência para abordar a literatura de tradição oral.

Segundo Patricia Gomes (2021), a oralidade permite a transmissão de conhecimentos através das gerações. A principal função da tradição oral desde o início das sociedades era transmitir ideias sobre a origem do mundo, os encantos da natureza, a magia dos astros e os acontecimentos históricos. No entanto, é importante salientar que a tradição oral não se restringe a abordar apenas lendas ou incursões mitológicas, pois aborda também os comportamentos cotidianos e processos históricos de um povo. Para muitos povos, a oralidade é uma forma de transmissão de conhecimento, tendo

importância e veracidade quanto o conhecimento aplicado através da tradição escrita. No entanto, muitos estudiosos consideram a tradição oral como uma história alternativa e sem rigor científico.

Neste sentido, Reis (1992) considera que na literatura ocidental condiciona a exclusão de diversos grupos sociais, sob um regime verticalizado e hierárquico em seu *modus operandi*, privilegiando, em um extremo, a literatura canônica, os grandes clássicos escritos com mais puro refinamento da linguagem, representando sobretudo as classes hegemônicas. E, no outro extremo, as literaturas marginalizadas caem em esquecimento para uma grande parcela da sociedade.

A proposta apresentada nesta pesquisa busca não centralizar o conhecimento do estudante, tendo em vista que o objetivo principal é resgatar essas memórias e colocá-las em circulação dentro do ambiente escolar. Com isso, busca-se levar o estudante a compreender que esses contos nutrem uma ligação com comunidades ágrafas ou com pessoas que não tiveram acesso à educação formal, mas que seu alcance e sua apreciação não devem se restringir a tais contingentes sociais e a tais condicionamentos. Pelo contrário, o trabalho com os contos populares deve instigar os alunos à descoberta e à curiosidade de formas não grafocêntricas de registro literário e cultural, promovendo, assim, um resgate histórico e cultural, de modo a levá-los a valorizar a oralidade como prática de conservação de valores e identidades de um povo.

Para atingir os objetivos, será sugerido uma atividade de contação de história envolvendo a transmissão oral dos contos populares apresentados pelos estudantes como resposta à motivação das aulas iniciais:

1. Escolha da história: verificar se todos os estudantes selecionaram um conto popular adequado a faixa etária da classe.
2. Preparação do ambiente: crie um ambiente acolhedor e aconchegante para a contação de histórias. Pode-se utilizar tapetes, almofadas, tecidos coloridos, entre outros elementos que ajudem a criar uma atmosfera envolvente.
3. Estabelecimento de uma relação com os alunos: é importante que nesse momento o professor também selecione um conto popular particular do seu imaginário para compartilhar.

4. Utilização dos recursos: é possível utilizar recursos visuais, como ilustrações, gravuras ou objetos que estejam relacionados aos contos. O uso de músicas ou efeitos sonoros também pode ajudar a criar um clima mais envolvente.
5. Envolvimento dos alunos: durante a contação, é importante envolver os alunos fazendo perguntas, pedindo opiniões e incentivando a participação deles na histórias.
6. Estimulação da reflexão: após a contação da história, é importante estimular a reflexão dos alunos sobre o que foi contado. Perguntas como: “O que você aprendeu com a história?” ou “O que a história te ensinou?” podem ajudar a promover a reflexão.

A contação de histórias é uma atividade lúdica e prazerosa que pode contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos. Além disso, é uma forma de estabelecer vínculos afetivos e de transmitir valores importantes para a formação das crianças e jovens. Como elucida a autora Betty Coelho (2017, p. 17) no livro *Contação de histórias: uma arte sem idade*:

A contação de histórias é uma forma privilegiada de envolver o público, de desenvolver a sensibilidade, a imaginação e a criatividade. É um ato que transcende o simples contar de uma história, que amplia as possibilidades de interpretação, que permite a reflexão e o questionamento, que possibilita o diálogo e a interação entre as pessoas.

Sendo assim, a contação de histórias é uma atividade que pode ser utilizada como recurso pedagógico na sala de aula, contribuindo para a formação integral dos educandos.

4.5. Introdução

Na sequência da apresentação prévia de elementos visuais relacionados aos contos, vem o passo do que Cosson (2015) nomeia “Introdução”: esse é o momento de apresentação do autor e da obra. De acordo com Cosson (2015), essa apresentação possui uma grande importância, pois é o momento de levar em consideração que a obra não fala por si só e que por isso torna-se imprescindível que o professor apresente a sua

importância e justificativa de escolha, sem revelar muito sobre a obra a fim preservar o elemento da curiosidade nos alunos.

Dessa forma, cabe ao professor explicar alguns elementos importantes que permeiam o gênero abordado, como a comparação entre a literatura oral e escrita, destacando os espaços que foram ocupados pelas duas modalidades ao longo da história das sociedades ocidentais e ocidentalizadas. Também é importante não dispensar a apresentação física da obra. Assim, torna-se relevante apresentar as características do gênero conto.

A esse respeito, Gotlib (1990) enfatiza a importância do estilo na narrativa do conto. Para a autora, o gênero exige um alto grau de habilidade do escritor, que deve ser capaz de condensar uma história em poucas páginas, mas sem perder a profundidade de seus personagens ou o impacto emocional da narrativa. Contudo, é preciso que o professor tome bastante cuidado para que esse momento não se torne pedante e acabe levando o estudante a perder o interesse na discussão do texto, pois, como pontuado por Cosson (2009, p. 59):

É preciso que o professor tenha sempre em mente que a introdução não pode se estender muito, uma vez que sua função é apenas permitir que o aluno receba a obra de uma maneira positiva. Desse modo, a seleção criteriosa dos elementos que serão explorados, a ênfase em determinados aspectos dos paratextos e a necessidade de deixar que o aluno faça por si próprio, até como uma possível demanda da leitura, outras incursões na materialidade da obra, são as características de uma boa introdução.

A sugestão de aplicabilidade nesse momento é que, após apresentar brevemente os aspectos do gênero a ser trabalhado, o professor faça a introdução das histórias a serem trabalhadas através dos contos populares presentes no livro *Malassombramentos: os arquivos secretos d'o Recife assombrado*. É importante ter em mente que o objetivo é despertar o interesse dos alunos pela história que será introduzida e, ao mesmo tempo, contextualizá-la para que possam compreendê-la melhor. Nesse sentido, sugere-se:

1. Contextualizar: Antes de iniciar a leitura do conto popular, contextualize a história para os alunos, explicando de onde ela vem, sua origem e sua importância cultural.

2. Crie um clima: Crie um ambiente aconchegante e tranquilo na sala de aula, para que os alunos se sintam à vontade para ouvir a história.
3. Abra espaço para a imaginação: destaque a importância de usar a imaginação, tendo em vista que essas histórias não podem ser explicadas de maneira racional.

O terceiro ponto é de suma importância para que os alunos consigam compreender melhor os contos populares a serem abordados. É fundamental estimular a reflexão dos alunos sobre o papel do elemento fantástico na literatura, seja ela transmitida de maneira oral ou escrita. Segundo Tzvetan Todorov (1973), o elemento fantástico se caracteriza pela hesitação do leitor ou personagem diante de um acontecimento que desafia a lógica e a razão, ou seja, trata-se de um evento que não pode ser explicado de maneira natural ou científica. Na abordagem do elemento fantástico em sala de aula, pode ser interessante trabalhar com a ideia de suspensão da descrença, que consiste na capacidade de o leitor ou espectador aceitar a possibilidade de um acontecimento inverossímil dentro da lógica ficcional proposta pela obra.

4.6. Leitura

Nessa etapa da proposta, Cosson (2009) afirma que a leitura escolar precisa de acompanhamento, pois ela tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Portanto, para introduzir a leitura do livro *Malassombramentos: os arquivos secretos do Recife assombrado*, na sala de aula, o professor pode iniciar com uma breve apresentação da cidade do Recife e de sua história, ambas representadas na obra. Em seguida, pode-se destacar a importância de conhecer e valorizar os contos populares e histórias locais, como forma de preservar a cultura e a identidade de um povo. Afinal, como aponta Ana Maria Machado (2010, p. 13):

A literatura é uma das mais belas maneiras de se aprender sobre a vida e sobre si mesmo, de se ter contato com culturas diferentes, de se conhecer outros modos de pensar e sentir.

Assim, a literatura pode ajudar a desenvolver a empatia e a compreensão entre as pessoas. Além disso, é importante estimular a participação e o interesse dos alunos, proporcionando um ambiente de diálogo e troca de ideias sobre a obra.

Em seguida, pode-se destacar a importância de conhecer e valorizar os contos populares e histórias locais, como forma de preservar a cultura e a identidade de um povo. Assim, é importante estimular a participação e o interesse dos alunos, proporcionando um ambiente de diálogo e troca de ideias sobre a obra. Nesse sentido, propõe-se os seguintes passos:

1. Introdução: Comece apresentando o livro *Malassombramentos*: os arquivos secretos do Recife assombrado. Leia a sinopse e apresente a capa do livro. Incentive os alunos a imaginar do que se trata a história com base nas informações fornecidas.
2. Leitura independente: Distribuir cópias dos contos aos alunos e incentive-os a ler em casa ou na escola. Estabeleça metas de leitura e organize sessões de discussão em grupo para discutir o que foi lido.
3. Leitura em voz alta: Realize uma leitura em voz alta
4. Análise literária: Após a leitura completa dos contos, organize atividades de análise literária. Incentive os alunos a identificar elementos literários, como personagens, enredo, tempo e espaço, estilo de escrita e mensagem principal.

Ademais, a leitura do livro pode ser inserida em um contexto mais amplo, que envolva atividades como análise de elementos literários, discussão sobre a construção do enredo, personagens e ambientação, além de reflexões sobre os temas abordados na obra, como cultura popular e tradições locais.

4.7. Interpretação

Finalmente, o autor Rildo Cosson (2009), aponta que as atividades da interpretação devem ter como princípio a externalização da leitura, isto é, seu registro. Para concluir a sequência, será proposto um momento para interpretação dos contos. Para tanto, será escolhido o elemento educativo que se faz presente nos contos populares. Através dele, o professor pode trabalhar algumas lições valiosas. Segundo Fátima Barreto (2016), desde tempos imemoriais, os contos da tradição oral têm sido usados para educar

as crianças e transmitir a história e a cultura de um povo. Esses valores podem ser aplicados em situações da vida real. Partindo disto, propõe-se que, nesta etapa, o professor organize uma roda de diálogo a fim de discutir o que foi possível aprender com os contos populares trabalhados. A fim de realizar tal conclusão, o docente pode seguir algumas etapas como:

1. Escolha um tema a ser discutido: neste tópico, o professor pode abordar a questão dos contos populares não serem valorizados na sociedade moderna, e como contribuem para a nossa formação.
2. Forme grupos: divida a turma em grupos menores de 4 a 6 pessoas para que a discussão seja mais produtiva e todos possam participar.
3. Estabeleça regras: É importante que as regras sejam estabelecidas desde o início, para que a discussão seja respeitosa e produtiva. Algumas regras podem incluir: respeitar a opinião do outro, não interromper, não usar linguagem ofensiva, entre outras.
4. Inicie a discussão: faça uma pergunta relacionada ao tema e dê a todos a oportunidade de responder. Você pode começar com uma pergunta mais geral e depois fazer perguntas mais específicas para incentivar a participação de todos.
5. Ouça atentamente: durante a discussão, é importante ouvir atentamente o que os alunos têm a dizer e fazer perguntas para esclarecer ou aprofundar o assunto.
6. Encerre a discussão: encerre a discussão com um resumo das principais ideias levantadas pelos alunos e reforce a importância do diálogo para a aprendizagem.

É essencial lembrar que a roda de diálogo deve ser uma atividade participativa e que a participação dos alunos é fundamental para que a discussão seja produtiva. Como ratifica Rojane Rojo (2018, p. 62):

O diálogo na sala de aula é fundamental para o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois possibilita a construção de significados

compartilhados, a identificação de diferentes pontos de vistas, a construção de argumentos e a produção de textos coletivos. É por meio da interação com que os alunos ampliam seus horizontes culturais, aprofundam seus conhecimentos e desenvolvem sua capacidade crítica e reflexiva.

Portanto, ao compartilhar suas interpretações, os alunos aprendem a articular seus pensamentos de maneira clara e coerente, o que pode ajudá-lo a comunicar ideias complexas com mais facilidade. Além disso, ouvir interpretações dos outros alunos pode ajudar a expandir a compreensão da obra e enriquecer a análise, como também desenvolver suas habilidades de leitura crítica e diálogo construtivo.

5. CONCLUSÃO

Com a elaboração dessa pesquisa, foi visto que o uso da tradição oral como recurso pedagógico permite um contato legítimo com a ancestralidade, por meio dos saberes, da historicidade e da produção cultural comunitária, tendo em vista que os contos de tradição oral são narrativas transmitidas de geração em geração pela palavra falada. São histórias que fazem parte do patrimônio cultural de diferentes povos e que carregam consigo valores, costumes, crenças e saberes. Os contos populares permitem trabalhar as particularidades das modalidades oral e escrita, a primeira através da contação dessas histórias e a segunda analisando a forma e a linguagem empregada, assim também possibilitam a reflexão acerca de como surgiram esses contos, sua veracidade, entre outras questões.

Através da tradição oral, o exercício de contar histórias estimula diversos benefícios na aprendizagem como o desenvolvimento da linguagem oral, a leitura, mesmo que de maneira não convencional, a interpretação e a capacidade de reprodução do que foi trabalhado, a descrição de personagens e cenários, o incentivo do trabalho em equipe, a identificação de marcas temporais, o desenvolvimento do senso crítico e da criatividade, a busca de soluções para conflitos do mundo real por meio dos conflitos apresentados nas histórias, entre outras inúmeras vantagens desse recurso.

Em suma, os contos de tradição oral são uma rica fonte de aprendizado e podem ser explorados de diversas maneiras na educação. Por meio deles, é possível desenvolver habilidades como a leitura, a escrita, a interpretação e a reflexão crítica, além de contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e sensíveis à diversidade cultural. Portanto, a tradição oral é um recurso de aprendizagem informal fundamental para a estruturação e

o fortalecimento cultural de uma comunidade. Ademais, fornece aos alunos experiência e valiosos aprendizados que podem ser aplicados em sala de aula, isto é, no ensino formal. Assim a utilização de contos como suporte metodológico para a educação é uma ferramenta de grande importância na construção de experiências que constituem a aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2011.

AUSUBEL, David. *A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo: Editora Moraes, 1982.

Aventuras na História. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/>>. Acesso em: 07 de maio de 2023.

BAG, Mario. *A Loura do Banheiro e mais 10 Lendas Urbanas*. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2013.

BARRETO, Fátima Gonçalves Cavalcante; OLIVEIRA, Simone Paixão Araújo de. O uso das lendas e contos populares em sala de aula. *Revista Uningá*, v. 25, n. 1, 2016. p. 62-68.

BELTRÃO, Roberto. *Malassombramentos: os arquivos secretos d'O Recife Assombrado*. Editora Bagaço. 2009.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOAVENTURA, Edivan Rodrigues; FERREIRA, Ricardo Santana. O uso do folclore na construção do conhecimento. *Revista Saber & Educar*, v. 17, n. 2, 2012. p. 93-105.

BRASIL. Ministério da Educação, *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: 2018.

BRITO, Nayara de. Num encontro de dois, criar, coser, cantar. *Cadernos do GIFE-CIT*, v. 1, n. 37, 2016, p. 211-218.

BRITO, Nayara de. *Contação de história: criação de narrativas e oralidade*. Salvador: UFBA, Escola de Teatro; Superintendência de Educação a Distância, 2021.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Sapiens, 2009.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2011.

CARR, Nicholas. *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*. Rio de Janeiro: Agir, 2011

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Lendas brasileiras*. São Paulo: Global, 2002.

- CASCUDO, Luis da Câmara. *Lendas brasileiras para jovens*. São Paulo: Global, 2009.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Folclore pernambucano: contos, lendas, mitos e tradições*. Recife: Editora Bagaço, 2005.
- COELHO, Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 2004.
- CORRÊA, Roberto. *Dicionário das lendas e mitos brasileiros*. São Paulo: Casa da Palavra, 2014.
- COSSON, Rildo. *Paradigmas do ensino de literatura*. São Paulo: Contexto, 2020.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2015.
- COSTA, Edil Silva. O contador de histórias tradicionais: velhas e novas formas de narrar. In: MEDEIROS, Fábio; MORAES, Taiza (Orgs.). *Contaçõ de histórias: tradiçõ, poéticas e interfaces*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. p. 29-38.
- FANTIN, Monica. A escola e a cultura digital: os usos dos meios e os consumos culturais de professores. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, set. 2009.
- FERNANDES. A literatura oral na Amazônia paraense: estrutura, forma e modelos culturais. In: MEDEIROS, Fábio; MORAES, Taiza. (Orgs.). *Contaçõ de histórias: tradiçõ, poéticas e interfaces*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. p. 29-38.
- FINNEGAN, Ruth. O significado da literatura em culturas orais. In: QUEIROZ, Sônia. *A traduçõ oral*. Belo Horizonte: FAGED/UFMG, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GADOTI, Moacir. Educaçõ popular, educaçõ social, educaçõ comunitária. Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. *Revista Diálogos: pesquisa em extensõ universitária*, v. 18, n. 1, 2012. p. 10-32.
- GIORDANO Alessandra. *Contar histórias: um recurso arteterapêutico de transformaçõ e cura*. São Paulo: Artes Médicas, 2007.
- GOMES, Patricia de Almeida. A tradiçõ oral como processo pedagógico – um estudo de caso sobre a Fundação Casa Grande. 114 f. Dissertaçõ (Mestrado em Educaçõ e Formaçõ – Área de Especialidade em Desenvolvimento Social e Cultural), Universidade de Lisboa, Instituto de Educaçõ, 2021.
- GOTLIB, Nádia Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2006.
- JÚNIOR, Luiz Carlos. O uso das lendas em sala de aula: contribuições para a formaçõ de valores. *Revista Educaçõ em Debate*, v. 6, n. 2, 2014. P. 69-78.

- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MARIZ, Carlos. *Lendas e tradições populares do Nordeste*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- MATOS, Gyslayne Avelar; SORSY, Innoi. *O ofício do Contador de Histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- MATTOSO, José. *A escrita da História*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores. 2012.
- MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. *O que é leitura de imagens*. São Paulo: Brasiliense, 2002
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos da metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela *et al.* *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MATOS, Paulo de Carvalho. *Tipos de Revisão de Literatura*. Botucatu: Faculdade de Ciências Agronômicas, UNESP, 2015.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2011.
- PERNAMBUCO, Governo do Estado de. Secretaria de Educação e Esportes. *Currículo de Pernambuco Ensino Fundamental*. 2019
- PIAGET, Jean. *A linguagem e o pensamento da criança*. Rio de Janeiro, Zahar. 1971
- QUEIROZ, Josiete.; STUTZ, Lidia. Análise de uma sequência didática para o ensino de língua alemã na educação infantil. *Pandaemonium*, São Paulo, v. 19, n. 27, abr.-maio 2016. p. 203-235.
- REIS, Vania Prata Ferreira. *A criança surda e seu mundo: o estado-da-arte, as políticas e as intervenções necessárias*. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória: UFES, 1992.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- SANTOS, Marcelo Rossi. *Projeto histórias que o povo conta: A leitura, escrita e oralidade através das lendas urbanas*. Rio de Janeiro: Escola Municipal Professora Roseni Dos Santos Silva Magé, 2015.
- SANTOS Helena Vitória Nascimento. *A importância das narrativas orais nas práticas educativas: por uma proposta curricular decolonial*. Salvador: ENECULT, 18 ago. 2022.
- SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Curitiba: Editora Positivo, 2005.

STEIN, Flávio. A voz, o intérprete e o texto: um inventário. In: PEREIRA, Antonia; ISAACSSON, Marta; TORRES, Walter (Orgs.). *Cena, corpo e dramaturgia: entre tradição e contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2012. p. 223-242.

ROJO, Rojane. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editora, 2018.

TADEU, Jorge. *Lendas urbanas*. São Paulo: Planeta Jovem, 2010.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

ZOHAR, Danah. *QS: inteligência espiritual*. São Francisco: Berret-koehler, 2002.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GADOTTI, Moacir. *Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo: Cortez, 2012.